

**RÉPLICA DA ARGÜIÇÃO AO ARTIGO
“INFERÊNCIA À MELHOR EXPLICAÇÃO”,
INTUITIO V.1 - No.2 (2008): 341-344,
DA AUTORIA DE THIAGO MONTEIRO CHAVES**

Alexandre Luiz Junges^{*}

Na argüição feita nesta revista Thiago Chaves apresenta um comentário muito elucidativo ao artigo ‘Inferência à melhor explicação’ de minha autoria. O foco da argüição de Chaves dirigiu-se ao comentário feito ao argumento de van Fraassen do “mau conjunto” (*bad lot*) contra a IME. Mais especificamente Chaves examinou a seguinte passagem:

A nosso ver, a lacuna entre a avaliação comparativa e absoluta, enfatizada por van Fraassen, é equivalente à situação na qual devemos diferenciar entre probabilidade epistêmica (grau de justificação) e probabilidade objetiva. Colocado desta maneira, van Fraassen está sugerindo que deveríamos conhecer a probabilidade objetiva de cada hipótese do conjunto gerado, e ainda a probabilidade objetiva do conjunto em si mesmo, para podermos asserir racionalmente que a melhor das hipóteses, a melhor classificada, é a mais provável de ser verdadeira. (...) Assim, a crítica de van Fraassen dirige-se diretamente à questão da verdade¹.

Em comentário a esta passagem Chaves escreve:

Tal passagem parece sugerir uma diferença entre um argumento que ataca a IME enquanto um método fornecedor de justificação epistêmica e um método fornecedor de verdade. O que o argumento da *bad lot* poderia fazer é somente lançar dúvidas sobre a coextensão de *verdade* e explicação, mas não de *justificação* e explicação. Essa idéia me parece equívoca, tanto com relação à interpretação do argumento de van Fraassen quanto à aceitação de uma tese disputável, a saber, que seja possível que um método indutivo forneça justificação epistêmica sem ser um *condutor para a verdade*².

^{*} Doutorando em Filosofia - PUCRS Contato: aljunges@yahoo.com.br

¹ JUNGES, 2008, p.92-93.

² CHAVES, 2008, p. 342.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 - No.1	Junho 2009	pp. 281-284
-----------------	-------------------	--------------	------------	---------------	-------------

Começo por observar a pertinência do olhar perspicaz de Chaves que acertadamente percebeu algo de dúbio na minha exposição e que com justiça motivou a sua reação. Relendo a passagem, me parece ser o caso que este aspecto dúbio transparece na última frase da passagem citada acima, a saber, ‘Assim, a crítica de van Fraassen dirige-se diretamente à questão da verdade’. Neste sentido, considero que a reação de Chaves tenha sido justa devido a obscuridade que esta frase promoveu em conjunção com a passagem inteira. Dessa maneira, gostaria de adicionar alguns comentários nesta réplica que poderão ajudar a esclarecer a minha intenção na passagem citada acima.

Num primeiro momento, gostaria de observar que a interpretação feita por Chaves sugere uma direção que fatalmente eu não poderia assumir e provavelmente nenhum epistemólogo assumiria, a saber, ‘que seja possível que um método indutivo forneça justificação epistêmica sem ser um *condutor para a verdade*’. De fato, não foi minha intenção argumentar em favor da tese de que possa existir um conceito de justificação epistêmica que não envolva a conduscência à verdade. Parece não ser matéria de disputa entre epistemólogos que uma razão epistêmica deva ser conduscente à verdade, em oposição, por exemplo, a razões pragmáticas que podem não ser ou não são conduscentes à verdade. Do mesmo modo, o exemplo do lançamento de um dado apresentado por Chaves³, para ilustrar a relação entre probabilidade epistêmica e objetiva me parece perfeitamente correto. Ou seja, em situações normais (excluindo cenários enganadores, tradicionalmente explorados pelo ceticismo) a probabilidade epistêmica de uma hipótese tende a revelar a probabilidade objetiva dessa hipótese.

Assim, minha tese não é a de que possa haver justificação epistêmica sem conduscência à verdade mas apenas a tese falibilista de que ter justificação epistêmica para aceitar uma determinada hipótese não garante que a hipótese em questão seja verdadeira. Meu ponto era simplesmente chamar a atenção para a independência entre justificação e verdade⁴.

É neste sentido que a minha interpretação sugeriu que a posição de van Fraassen era demasiadamente exigente, ou seja, que para eliminar a distância entre a avaliação comparativa e absoluta de uma hipótese seria requerida a tese de que a justificação tenha uma conexão

³ CHAVES, 2008, p. 343.

⁴ Como, por exemplo, na análise tradicional do conhecimento como crença verdadeira justificada em que a independência entre as três condições (crença, justificação e verdade) é assinalada.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 - No.1	Junho 2009	pp. 281-284
-----------------	-------------------	--------------	------------	---------------	-------------

necessária com a verdade. Em outras palavras, uma posição infalibilista sobre justificação. De fato, uma interpretação similar a esta pode ser encontrada em Psillos, ele escreve:

[...] devemos primeiro eliminar a possibilidade de que a verdade possa estar fora das teorias que os cientistas propuseram, antes de sustentar que há boas razões para acreditar que a verdade se encontra dentro deste conjunto de teorias? Se é isto que van Fraassen exige, então eu tenho que dizer que ele opera com uma noção muito forte de autorização, tão forte que torna não autorizáveis mesmo aquelas crenças sobre a adequação empírica⁵.

Se tal interpretação do argumento de van Fraassen é correta é ainda matéria de disputa, como podemos ver na resposta ao artigo de Psillos⁶. Porém, de qualquer maneira, ela não deixa de ser uma reação possível ao ceticismo de van Fraassen em relação a IME. De fato, tal interpretação também aparece em *Laws and Symmetry* quando van Fraassen comenta algumas possíveis reações ao seu argumento, ele escreve:

A acusação deveria ser a de que eu interpretei a regra da inferência à melhor explicação muito ingenuamente. Apesar de seu nome, não é uma regra que infere a verdade da melhor explicação disponível. [...]. Poder explicativo é uma marca de verdade, não infalível, mas um sintoma característico⁷.

Resumindo, é de maneira similar a essa linha de pensamento (e a de Psillos) que considerarei a posição de van Fraassen. Assim, a conexão com a verdade ou melhor a conduscência à verdade deve ser assegurada para que a IME funcione como regra que forneça justificação epistêmica. Porém, tal conduscência à verdade não pode assegurar que a verdade esteja entre as hipóteses (explicações potencias) selecionadas e nem mesmo que a melhor explicação seja de fato a verdadeira. A IME não pode fazer mais do que isso, ela é um modo de inferência indutiva, ampliativa e falível como qualquer outro modo de inferência indutiva. Porém, isso não a deixa menos atrativa e diferenciada em relação aos outros modos de inferência indutiva. Ao captar o papel desempenhado pelas considerações explicativas nas inferências que fazemos a IME se mostra um método de inferência altamente elucidativo do

⁵ [...] should one first eliminate the possibility that the truth might lie outside the theories that scientists have come up with, before one argues that there are good reasons to believe that the truth lies within this range of theories? If this is what van Fraassen demands, then I must say he operates with a very strong notion of warrant, so strong as to render unwarranted even beliefs about empirical adequacy. (PSILLOS, 1996, p.37).

⁶ LADYMAN, J; Et. Al., 1997.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 - No.1	Junho 2009	pp. 281-284
-----------------	-------------------	--------------	------------	---------------	-------------

ponto de vista descritivo, ficando porém o debate sobre sua força no que concerne a justificação epistêmica e, conseqüentemente, sobre seu uso na argumentação em favor do realismo científico.

Referências

- CHAVES, T. M. “Argüição ao artigo inferência à melhor explicação”. *Intuitio*, I/2. (2008): pp.341-344.
- HARMAN, G. *Reasoning, Meaning and Mind*. Oxford: Oxford University, 1999.
- JUNGES, A. L. “Inferência à Melhor Explicação”. *Intuitio*, I/1. (2008). pp. 82-97.
- LADYMAN, J; DOUVEN, I; HORSTEN, L; VAN FRAASSEN. “A Defense of Van Fraassen's Critique of Abductive Inference: Reply to Psillos”. *Philosophical Quarterly*, XLVII/188 (1997). pp. 305-321.
- LIPTON, P. *Inference to the best explanation*. 2.ed. New York: International Library of Philosophy, 2004.
- PSILLOS, S. “On van Fraaassen’s critique of abductive reasoning”. *Philosophical Quaterly*, XL VI/182. (1996). pp. 31-47.
- VAN FRAASSEN, B. *Laws and Symmetry*. Oxford: Oxford University, 1989.

⁷ The charge should be that I have construed the rule of inference to the best explanation to naively. Despite its name, it is not the rule to infer the truth of the best available explanation. [...]. Explanatory power is a mark of truth, not infallible, but a characteristic symptom. (VAN FRAASSEN, 1989, p.146).

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 - No.1	Junho 2009	pp. 281-284
-----------------	-------------------	--------------	------------	---------------	-------------